

O “progresso” da Indústria Carbonífera, o surgimento do Movimento Ambiental e as duas faces da escavadeira Marion em Siderópolis¹ (1980-2000): a princesa e a monstra

Hugo da Silva Albonico

Graduando do curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense

Carlos Renato Carola

Professor do curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense

Resumo

Siderópolis é uma cidade que eu incessantemente alimentei grande amor por ser a terra que sempre morei e cresci, mas também por conta da grande participação que meus ancestrais tiveram em sua história; eles foram um dos primeiros que chegaram aqui na leva de imigrantes no ano de 1891, sendo as famílias Albonico, Périco, Capeller e Bottini, eles e muitas outras pessoas fugiram da pobreza que imperava na Itália. A ligação com a exploração carbonífera também está em meu sangue, meus bisavós partiram de regiões litorâneas do estado de Santa Catarina para se tornarem trabalhadores da CSN, profissão essa que atravessou gerações e que chegou até meu pai que atualmente é mineiro, mas a decisão tomada por mim foi mostrar um lado totalmente destoante do “progresso” da mineração, essa atividade causa danos imensos no

¹ O nome Siderópolis não existia antes dos anos 40, a cidade chamava-se Nova Belluno por causa da questão imigratória que ela passou a partir de 1891, as pessoas que aqui chegaram vieram da província de Belluno na Itália, por isso o nome Nova Belluno. Depois de sofrer um processo nacionalizador a cidade começou a chamar-se Siderópolis, uma homenagem a Companhia Siderúrgica Nacional que explorou o carvão por muitos anos no município.

meio ambiente por conta do rejeito do carvão como a piritita e o enxofre, ambos danificam a flora e o ar de forma quase que irreversível. Na cidade já citada tivemos a mineração a céu aberto e o descaso que acabou causando uma grande reação social e religiosa pelo movimento intitulado “Pela Vida e pela paz, contra a indústria da morte” e que foi articulado no ano de 1989 pela pastoral da ecologia presidida pela senhora Alba Neves Girardi, já que a religião em uma área rural era bem influente. Esta pesquisa se orientou pelas seguintes questões: “Quando e por que a população de Siderópolis protestou contra a poluição da atividade carbonífera? Quais foram as impressões que o povo de Siderópolis obteve da mineração? A partir de quando a mineração começou a sofrer rejeição? ” Em um plano geral refletiu-se sobre a atuação dos habitantes frente à poluição que a maior atividade econômica municipal causava, e mais especificamente meditamos sobre quem participou dos movimentos, quais foram as exigências, quais foram os principais motivos dessa mobilização e quais foram os resultados dos protestos. Trata-se de uma abordagem de História Ambiental focada na história da escavadeira Marion. A narrativa histórica foi construída com base em fontes bibliográficas com foco em autores locais como Ronaldo David e Nilso Dassi, fontes documentais de origem da própria prefeitura municipal, fontes digitais de artigos acadêmicos, fontes orais sendo entrevistas com moradores de Siderópolis e imagens retiradas da internet e de livros.

Palavras-chave: Siderópolis; Marion; Impactos Ambientais; Movimento Ecológico.

Introdução

O amor que Siderópolis transmite é grande, essa paixão cresceu mais ainda quando os locais de memória foram derrubados. Por muitos anos pude assistir de perto o desmonte dos locais históricos que o município possuía. O recreio do trabalhador virou uma pilha de tijolos, o centro passou por um episódio de desmatamento que até hoje penso em chorar ao olhar as pequenas árvores que sobraram. O palco construído em 1991 para comemorar o centenário da colonização de “Nova Belluno” também foi destruído de forma arbitrária em 2009. Enfim, Siderópolis foi atacada e abusada de uma forma selvagem, por isso sinto a total necessidade de produzir meu artigo de TCC sobre essa cidade. A escolha do tema partiu de forma acidental

quando lia um livro que narra de forma detalhada todas as especificidades do município, a obra “Siderópolis: uma cidade boa para se viver” foi escrita no aniversário de 120 anos de colonização, e foi desta forma que os autores definem a obra: “Temos certeza de que chegamos a um livro que reúne o melhor de todas as contribuições, as quais somamos com a história oral e transformamos em história escrita para ficar como registro para as futuras gerações.” (WARMLING *et al*, 2009, p.19).

Durante a leitura deste livro observei que ele narra um movimento ecológico ocorrido no fim da década de 1980. O objetivo desta mobilização era reivindicar da mineradora responsável pela Marion uma reparação pelos estragos que a cidade sofreu durante as quase 4 décadas de mineração. A população sideropolitana, juntamente com a pastoral da ecologia e a diocese de Tubarão, tomaram a grande dragline e fizeram no local uma missa campal.

Neste artigo apresentam-se os motivos que levaram a sociedade sideropolitana a iniciar um movimento ecológico contra as mineradoras que exploravam o solo da cidade, como se desenvolveu esse movimento, quais eram os principais objetivos e quais foram seus resultados. Também consideramos a necessidade de levar à tona esse acontecimento tão marcante ocorrido em Siderópolis, em função dos poucos estudos a respeito. Realizamos pesquisas em fontes escritas como livros de história local; entrevistas para ouvir os relatos das pessoas que estiveram nesta mobilização também foram levados em conta, afinal nós historiadores devemos dar relevância a oralidade pois é a partir dela que entendemos de que forma a pessoa vivenciou aquele momento e quais foram seus sentimentos. Um dos problemas da pesquisa será o de encontrar fontes escritas o suficiente já que em Siderópolis não obtemos grande volume de escritos sobre seu passado, mas uma vantagem é a de que ainda temos boa parte dos participantes do movimento que ainda estão vivos e capazes de narrar o ocorrido.

Como diria Thompson: "A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas." (THOMPSON, 1998, p. 337).

Outro grande historiador que ajudou a tornar forte o alicerce que sustenta a história oral é Marc Bloch, ele diz que o historiador deve ser ávido por capturar os vestígios da presença humana, no plural, para abarcar a diversidade dos atores. O “bom historiador”, ressalta Bloch (2001, p. 54), é aquele que “se parece com o ogro da lenda”, ou seja, o ser que “onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça.”

March Bloch, um dos fundadores da *Escola dos Annales* objetivava desafiar os métodos tradicionais e "científicos" de fazer história. Um dos desafios da “Nova História” é problematizar os documentos oficiais e começar a utilizar mais a fonte oral. Para Bloch, o papel do historiador é “capturar” os homens na história e a história dos homens; e “quem não conseguir isso será apenas no máximo um serviçal da erudição.” (Bloch, 2002, p.54). Como historiador, o profissional se torna também pesquisador, e por isso ele deve deixar de lado a simples interpretação e transmissão de dados de um documento. A problematização é um ato diário de qualquer historiador, por isso não se aceita a fonte escrita como algo enviado por Deus e como tal onipotente.

A divisão do artigo em tópicos seguiu uma ordem cronológica. Desta forma, o leitor consegue entender o processo histórico no percurso do tempo moderno.

Um trabalho acadêmico que segue a temática ambiental possui uma importância imensurável, primeiramente porque a sua intencionalidade é a de conscientizar as pessoas para que entendem de uma vez por todas que a preservação do meio ambiente não é uma busca inútil, mas é sim uma militância que todos devemos adotar como nossa. Esse trabalho mostra que um dia em um pequeno lugar no sul do mundo as pessoas se levantaram e ordenaram à uma grande indústria que os danos causados fossem reparados. Incrível também pensar que poucos anos após a sanguinolenta ditadura militar o povo já tinha tamanha coragem para enfrentar e colocar em pauta discussões tão importantes para a sociedade.

A organização deste artigo pretende problematizar a memória oficial do “progresso” da indústria carbonífera em Siderópolis. Durante cerca de três décadas a escavadeira Marion foi um dos maiores símbolos de poder tecnológico e de “progresso” da economia do carvão em Siderópolis; era motivo de orgulho, de modernidade e de poder sobre a natureza. Mas na década de 1980 surgiu um movimento ambiental denunciando a imensa poluição do solo e das águas, provocado pela escavadeira do “progresso do carvão”.

A Marion era de propriedade da Companhia Siderúrgica Nacional, a principal empresa mineradora da região Sul de Santa Catarina. A escavadeira removia a cobertura vegetal e o solo até alcançar as camadas de carvão mineral; minerava a céu aberto e por isso temos em Siderópolis o que se chama de “paisagem lunar”, montes altos e vales baixos com uma terra de cor cinza e com um cheiro de pirita terrível. No município também podemos avistar algo ainda mais terrível, os lagos com uma coloração laranja bem forte ou alguns mais azulados que passam a impressão de serem límpidos, mas a quantidade de rejeitos que ali está continuam danificando a flora e fauna local.

Contextualização: a fundação de Nova Belluno

Para o início da escrita sobre a mineração e toda a movimentação ecológica movida pelos cidadãos é necessário que voltemos ao ano de 1891. Nesta data nascia o núcleo de Nova Belluno, surgido primeiramente na forma de um minúsculo povoado agrícola que foi adotado como lar por imigrantes italianos refugiados da pobreza de seu país natal. O nome escolhido parece genérico, mas foi dado pelo motivo de que quando os colonos aqui chegaram notaram uma similaridade das colinas que circundam o município com as montanhas de Belluno; eles então se instalaram onde atualmente temos o bairro Rio Fiorita e daquele local deram o ponto de partida para o desenvolvimento de Siderópolis. As companhias de colonização dividiram os tão esperados lotes e forneceram um empréstimo que era o suficiente para a obtenção de alguns objetos que os ajudariam na produção agrícola e na limpeza de seus terrenos. Com o passar dos anos, o núcleo cresceu de forma inteiramente rural, sua estrutura econômica focava na criação de bovinos e suínos para produção de seus derivados que acabavam sendo vendidos em Urussanga ou no próprio centro comercial do núcleo que tinha ainda uma pequena venda de galináceos, tendo também uma parcela nos negócios a produção de selas, arreios e tamancos (DAVID, 2015).

Em 1923 sondagens encontraram camadas de carvão no local que hoje conhecemos como Rio Fiorita, o nome original desta localidade que era dividida em duas foi São Defende e Serraria. O local era pacato, havia uma estrada de chão, criação de animais, plantações para consumo próprio, arborização e um silêncio que somente o campo pode oferecer. A formação original do núcleo colonial se situava num lugar onde havia nascentes, rios, mata atlântica e a beleza panorâmica da Serra Geral:

A comunidade estendia-se, de forma espalhada, baseando-se como núcleo populacional na capela dedicada ao santo padroeiro, das proximidades das nascentes do Rio Fiorita, região um pouco abaixo da comunidade de Montanhão, e com uma grande cachoeira, descia em várias propriedades do rio Caeté, à direita, e à esquerda até as proximidades do encontro com o Rio Kuntz. Nesta região já havia outra localidade que seria a base do Rio Fiorita, Serraria. (DAVID, 2015, p. 17).

Na imagem abaixo podemos observar como era o Rio Fiorita durante o período em que Nova Belluno começava a se organizar, onde é possível visualizar algumas características de uma região de interior. Na imagem, avistamos casas de madeira, uma cobertura de mata, estradas de terra por onde passavam charretes e carroças. Por muitos anos essa população

conheceu o modo de vida agrário de subsistência, sendo que a principal atividade que aqui existia eram as trocas de produtos agropecuário e muito pouco de comércio capitalista.

Fig. 1 Rio Fiorita em 1944



Fonte: David, 2015, p. 23

Antes de continuar deve ser aberto um grande parêntese, quando os imigrantes aqui chegaram as terras não estavam inabitadas, em Nova Belluno existiam povos indígenas, nós podemos ouvir relatos sobre estes povos no documentário “Memórias de São Pedro”, este vídeo que está disponível no Youtube conta a história da comunidade de São Pedro, onde hoje está a barragem do Rio São Bento. No documentário em questão temos o relato do Senhor Virgílio Sávio, em sua entrevista ele conta sobre as relações dos “italianos” com os povos originários, ele fala também das trocas que estas pessoas faziam, no início a relação era pacífica, mas com o tempo os imigrantes deram cachaça para os indígenas e eles pensaram que era veneno, por isso as hostilidades se iniciaram. Todas as cidades que passaram pelo processo de colonização têm uma narrativa, esta é uma delas.

Após a descoberta do tão cobiçado mineral – o carvão - as atividades agrícolas começaram a atingirem um nível de desaceleração, as grandes companhias de exploração não perderam seu tempo partindo para cima dos membros destas comunidades quebrando toda e qualquer resistência ao novo modelo econômico que seria implantado na região. Segundo o autor (David, 2015, p.21) para que as terras pudessem ser exploradas as empresas faziam ofertas em dinheiro pelo terreno, quando os proprietários não aceitavam as ofertas também contemplavam empregos na mineração².

² DAVID, Ronaldo. **Rio Fiorita II: a companhia siderúrgica nacional e histórias de uma comunidade.** Siderópolis: Alvo Design, 2015.

A exploração do “ouro negro” e o surgimento da região carbonífera de Santa Catarina

A região Sul de Santa Catarina emerge para o cenário da economia nacional no contexto das duas guerras mundiais do século XX. Com o início da Segunda Guerra Mundial o Brasil começou a sentir os impactos econômicos em função das restrições para importações de minérios, entre eles o ferro e o carvão. No contexto da Segunda Guerra, Getúlio Vargas aprovou, na forma de decretos, medidas de incentivo à exploração de carvão mineral no Sul do Brasil; e no início da Segunda Guerra, o governo Vargas adotou uma política de neutralidade e estratégias para conseguir algumas vantagens econômicas para o Brasil. Tanto os países do eixo (Alemanha e Itália, principalmente) como os EUA, iniciaram tentativas de minar a política de não-alinhamento proposta por Vargas com algumas ofertas de investimento tecnológicos, como a fundação de uma siderúrgica³ de caráter nacional com a proposta de sanar as necessidades nacionais com exportações minerais e impulsionar o desenvolvimento da economia industrial. A habilidade política de Getúlio Vargas resultou num acordo com os EUA, cujo resultado prático foi a construção da Companhia Siderúrgica Nacional (1943-1946), a maior siderúrgica do Brasil e da América Latina. A partir da CSN, o Estado brasileiro se tornou a principal força político-econômico do desenvolvimento industrial do país. Foi neste contexto de guerra e crise internacional que a região carbonífera de Santa Catarina ganhou importância no cenário nacional; e a tradicional paisagem rural da comunidade de Nova Belluno foi se transformando na tradicional paisagem industrial da região carbonífera: minas de carvão, vilas operárias e centros recreativos, novas estradas para caminhões, instalações da ferrovia Tereza Cristina (a ferrovia do Carvão), plantação de eucaliptos, poluição do solo e dos rios. Enfim, a vila rural de Nova Belluno foi se transformando em uma grade vila operária:

Essa nova forma de trabalho mudou drasticamente hábitos e costumes da tradicional comunidade de Nova Belluno. Estes passaram a se inserir na ordem capitalista, regrada pela hora e normas do sistema da indústria moderna. Muitos trabalhadores passaram a serem educados para o novo modelo de disciplina, e de certa forma, foi desapropriado de seu saber, tornando-se refém do processo de produção e do ritmo da máquina, saindo de uma economia de subsistência em que pelo menos conhecia o valor do seu trabalho, pois era ao mesmo tempo produtor e proprietário abandonando essa atividade, para dedicar-se a Siderúrgica, que representava o progresso e ao mesmo tempo lhe impunha o controle sobre seu corpo, não só nos momentos em que estava a serviço da companhia, mas também fora dela com atividades recreativas. (POSSOLI, 2008, p.24).

³ (PITILLO, 2021, p. 11-13)

A nova ordem capitalista ruiu as bases simples e silenciosas que sustentavam Siderópolis. O modo de vida agrário de subsistência focado não na acumulação e no consumismo era o único modelo conhecido pelos moradores da cidade. Quando as mineradoras chegaram com suas máquinas que pesavam toneladas e com as várias outras famílias que abandonaram o litoral e vieram para trabalhar na extração do carvão, os bellunenses começaram a sentir suas bases rurais ruírem de forma irreversível. Seus corpos passaram a ser domesticados, pois agora engenheiros, metalúrgicos, motoristas e vários outros tipos de trabalhadores trouxeram sua maneira de falar e de se comportar modificando o modo de ser do camponês e inserindo no pequeno povoado a diversidade cultural de brasileiros de outras regiões do país, entre os quais os de descendência açoriana e afro-brasileira.

Segundo o escritor (DAVID, 2015), a partir da instalação do complexo da CSN, Siderópolis começou a receber pessoas vindas de Imbituba, Laguna, Tubarão e Jaguaruna, Criciúma, Orleans e da região serrana de São Joaquim e Bom Jardim. Os que mais marcaram presença foram os moradores das regiões do litoral catarinense, o mais famoso deles é o Senhor Manoel Minelvina Garcia, o primeiro prefeito eleito de Siderópolis; ele foi responsável pela construção e inauguração da prefeitura municipal, criação do cemitério no Rio Fiorita e nomeação das ruas da cidade. Seu mandato terminou abruptamente por conta da ditadura militar, sendo cassado em 03 de junho de 1964. Manoel Garcia, como era chamado, veio para este município para ser funcionário da CSN com seus 22 anos de idade e aposentou-se no cargo de chefe da seção de manutenção e oficina mecânica em 1968.

A atividade carbonífera modificou radicalmente a paisagem rural de Nova Belluno para a paisagem industrial de Siderópolis. Com a abertura das minas e as atividades de mineração, juntamente com a estrutura de equipamentos e moradias, a nova cidade vai se configurando com suas marcas identitárias singulares: urbanização, progresso econômicos e muita poluição. A paisagem camponesa estava com os dias contados, o Rio Fiorita começou a despontar como um grande bairro operário com casas de madeira e “patentes” no lado de fora, outros bairros ainda foram construídos; nós temos ainda hoje no bairro Vila Rica que fica próximo ao Hospital São Lucas, e várias casas que foram erguidas para os empregados da mineração. Na imagem abaixo podemos observar uma rua do Rio Fiorita.



Figura 2- Rua do bairro Rio Fiorita

Fonte:

<https://images.app.goo.gl/n6fKZ7nk8Ymy3hDB8>

Siderópolis: a cidade do ferro

Como dito no início do artigo, a cidade de Siderópolis “nasceu” em 1891 com a chegada dos imigrantes italianos. Até a década de 1940, o nome do principal povoado era Nova Belluno e o padroeiro era São João Batista, dois elementos de identidades italianas. Em Santa Catarina, os imigrantes italianos fundaram povoados mantendo vínculos identitários com suas regiões de origem, como no caso de Nova Trento, Nova Veneza e Treviso, que anteriormente era chamada de Nova Treviso. A cultura e tradição italianas ainda persistem, algumas cidades ainda fazem a festa do colono com o intuito de engrandecer seus mitos fundadores e garantir a legitimidade de seus discursos homenageando colonizadores e apagando a narrativa dos povos originários. Mas quando a mineração estava em seu auge, no momento em que a extração alcançou seu apogeu a cidade começou a se revestir do preto do carvão. No contexto da Segunda Guerra Mundial, a identidade italiana (juntamente com a alemã e japonesa) foi severamente desqualificada e perseguida. Santos foram “expulsos” de seus andores e até mesmo línguas estrangeiras foram proibidas. Este “modus operandi” foi implantado no governo de Getúlio Vargas, placas eram expostas em locais públicos informando que no “Brasil se fala português”:

Fig. 3- A proibição das línguas dos países do eixo em território nacional



Fonte: <https://images.app.goo.gl/32skqPrU15rBKDw99>

A fé é um marco da cultura dos imigrantes no sul de Santa Catarina. A devoção e o respeito pela religião Católica movem até hoje muitos descendentes, mas em Siderópolis aconteceu um fato um tanto quanto curioso. Quando digo que santos foram retirados de seus andores eu me refiro a mudança de padroeiro no município. Antigamente se festejava a São João Batista, o santo que foi trazido de barco pelos italianos e no momento em que chegaram aqui iniciaram a fabricação de um local de culto: “Ao chegarem a Siderópolis, homenagearam esse santo [São João Batista] por meio de um pequeno oratório feito com galhos roliços e coberto com palhas, em plena praça, construído pelas famílias do Núcleo de Nova Belluno” (WARMLING et. all, 2011, p.170).

Durante a Segunda Guerra Mundial, o governo Vargas deu início a uma campanha de nacionalização do Brasil. Nova Belluno tinha a intenção de ser uma grande cidade, já que o carvão era o “negócio do futuro” e aqui tínhamos reservas enormes e fartas, mas, na direção do Estado Novo, uma cidade com tamanha importância não poderia caracterizar vínculo com a Itália de Mussolini, inimiga do Brasil na II grande guerra. Por conta dos fatores narrados a cidade seguiu o caminho de ser mais brasileira, em 17 de janeiro de 1947, seguindo o decreto nº 17.537, assinado pelo Arcebispo Dom Joaquim Domingos de Oliveira, foi criada a paróquia Nossa Senhora Aparecida, colocando como co-padroeiro São João Batista. O nome da cidade também sofreu uma dura modificação, já que no dia 31 de dezembro de 1943, obedecendo a decisão do interventor do Estado de Santa Catarina Nereu Ramos, o núcleo que outrora

chamava-se Nova Belluno agora seria denominado Distrito de Siderópolis.⁴ O significado de seu nome atual é literalmente Cidade do Ferro. No município não há e nunca houve minério de ferro, mas em função do “progresso” econômico gerado pelo complexo carbonífero da Companhia Siderúrgica Nacional, a mudança de nome foi articulada politicamente como forma de reconhecimento deste suposto progresso. O nome Siderópolis, portanto, foi um jeito de agradar ao maior patrocinador de imposto municipal e de emprego da cidade.

O período em que a atividade carbonífera ficou aqui foi, até hoje, o mais lucrativo para as contas públicas e para os negócios locais. A educação também sentia os impactos desse desenvolvimento, o número de alunos totais ultrapassava dois mil. No vídeo também podemos ouvir algumas informações mais apuradas sobre a economia municipal:

O carvão é a riqueza de Siderópolis, como cabe à prefeitura uma porcentagem de seu valor, grande progresso tem trazido ao município que conta com 48 casas comerciais, 12 bares, 9 alfaiatarias, 4 farmácias, 2 torrefações de café, 2 cinemas, 5 oficinas mecânicas, 20 serrarias, 8 alambiques, 9 engenhos de açúcar, 30 moinhos de milho, 4 padarias, 7 máquinas de arroz, 10 olarias, 7 moinhos de mandioca, 1 fábrica de velas, 2 cartórios, caixa econômica, 3 empresas de ônibus e 2 quadras de futebol. Um grande futuro está fadado a Siderópolis, pois as suas reservas de carvão darão ainda para muitas centenas de anos e muitas indústrias novas aqui se estabelecerão para o aproveitamento também do subproduto do carvão. (SIDERÓPOLIS... 1960-1964)

O documentário citado acima possui uma trajetória muito interessante. O mesmo foi produzido por William Gericke, importante documentarista com presença renomada nas cidades da região carbonífera; ele produziu várias gravações em cidades desta região a pedido do governo federal, sob ordens do presidente João Goulart. Este projeto estava dentro da proposta do desenvolvimento do carvão. Estas informações foram passadas pelo Senhor Mário Barg em entrevista, o mesmo também relatou que após o golpe de 1964 as gravações deveriam ser recolhidas, pois teriam sido feitas por um governo subversivo. Muito espertamente o projetista de filmes do recreio escondeu as fitas no forro do local, elas somente foram reencontradas em uma reforma nos anos 90.

A exploração carbonífera na cidade era extremamente importante para a mesma. Siderópolis dificilmente seria o que foi e é atualmente sem essa atividade, tanto para o lado bom quanto o ruim, mas temos que ressaltar a participação de um “monstro” na história do

⁴ **Decreto-Lei nº 941.** Diário Oficial do Estado de Santa Catarina. Ano X. nº 2.651 de 31 dez. 1943. Arquivo do diário oficial do Estado de Santa Catarina. Florianópolis (SC).

município, ou melhor, uma “monstra”, mais conhecida como Marion 7800, a maior máquina de escavação a céu aberto das Américas⁵.

A imponente tecnológica da escavadeira Dragline Marion

A mineração de carvão já deixou Siderópolis, mas o legado dos impactos ambientais ainda nos assombram. Além disso, por quase todas as partes da cidade vemos estruturas urbanas e resquícios da bonança do “progresso” do carvão: a prefeitura, a paróquia, o próprio trilho do trem, algumas casas da Vila Operária e o Rio Fiorita. Mas a maior protagonista não está mais por aqui, as lembranças que ela nos deixou são ambíguas, já que algumas famílias só chegaram até aqui por sua causa, mas também muito se debate sobre os lagos de pirita que ela nos deixou de herança maldita. Mas, nem só de más lembranças podemos caracterizá-la, como disse, muitas pessoas só criaram raízes em Siderópolis por sua causa, e a cidade cresceu por conta da sua capacidade produtiva. A caçamba tinha 79 m³ de capacidade de carga. Nas imagens abaixo podemos ver como a própria população e os trabalhadores da companhia tinham a noção de suas dimensões, muitas famílias possuem em seus acervos pessoais fotos dentro da caçamba da Marion.⁵

Fig. 4 e 5 – Escavadeira Marion em Siderópolis, 1961



Fonte: Extração Sul Mineração. <http://extracaosulmineracao.blogspot.com/2010/08/fas-da-marion-7800-deixou-rastro-de.html>

⁵ MORAES, Fábio Farias de, FILHO, Alcides Goulart. A companhia Siderúrgica Nacional na formação do complexo carbonífero Catarinense. In: CAROLA, Carlos Renato (Org.). Memória e cultura do carvão em Santa Catarina: impactos sociais e ambientais. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2011. 219 p.

O decreto lei que criou a Companhia Siderúrgica Nacional foi assinado em 30 de janeiro de 1941 (BRASIL, 1941). Somente após um ano de existência a companhia começou a movimentar as peças desse jogo de xadrez aqui na cidade. O escritor Ronaldo David explicita em seu livro informações sobre a compra dos direitos à exploração deste minério: “Em uma primeira etapa, a Companhia Metropolitana explorou este carvão, nas proximidades de Nova Belluno, desde 1938. Em 1942 repassou os direitos a estatal [Companhia Siderúrgica Nacional].” (David, 2015, p.28). As expropriações dos terrenos precisavam ser imediatas, pois a companhia não podia remover o carvão sem antes remover os moradores das terras acima das jazidas. Com o intuito de agilizar e facilitar o processo de remoção das casas, a companhia oferecia empregos às pessoas mais resistentes, oferta que acabou empregando muitos munícipes, mas claro que ainda precisavam de muita mão de obra. Das regiões litorâneas de nosso estado vieram muitas pessoas, como é o caso de meu bisavô, Antônio Belmiro da Silva e sua esposa Adélia, que antes de serem sideropolitanos eram de Orleans; e de João Tomé de Souza e Magali Barreto de Souza, residentes em Imaruí.

O poder da CSN se estendia por toda a região. Em Siderópolis, o comércio, os salários dos trabalhadores e os rendimentos dos cofres públicos rodavam em torno da extração que esta promovia. Podemos observar isso quando percebemos que boa parte da população da cidade não nasceu nesta região, a maioria veio de fora para servir de empregado na exploração do carvão. Bastava a companhia sair do município que tudo ruiria, então partia da população valorizar e prestar todo o tipo de homenagens a essa estatal que tanto “serviu” a todos. A dimensão da força política e econômica da CSN se equipara à imponência da escavadeira Marion; ela era a maior escavadeira mecânica da América. Não é à toa que a imagem da Marion esteja no brasão oficial de Siderópolis, onde podemos notar as cores amarelo e preto, símbolo do imaginário “ouro negro”, o carvão mineral. Ainda podemos analisar que neste brasão constam mais algumas informações sobre a cidade, a cruz que representa a fé do povo, o imigrante carpindo a terra e a chama da liberdade; os ramos que o ladeiam representam a atividade econômica do Brasil (café ao lado direito) e Santa Catarina (trigo ao lado esquerdo). Os dizeres na faixa de cor azul abaixo do brasão são “Tendens ad Sidera” referenciando que a cidade tende aos astros, seu objetivo é estar tão altiva quanto eles.

Fig. 6 – Brasão Oficial de Siderópolis



Fonte: Portal da Prefeitura de Siderópolis. <https://www.sideropolis.sc.gov.br/pagina-4464/>

A principal protagonista de todo esse desenvolvimento tinha nome e sobrenome, Marion 7800, a maior máquina mineradora das américas, as notas técnicas presente no livro “Carvão Mineral em Santa Catarina: Uma visão fotográfica”:

Fig. 7 – A dimensões imponentes da Marion



Peso total: 1512 toneladas
Caçamba: 25t (vazia)
Dente de Caçamba: 80 kg
 Lança de 70m de comprimento
Capacidade de caçamba: 27m³
Escavação: 900m³ p/hora
Arraste: 2 motores elétricos de 500 hp
Suspensão: 2 motores elétricos de 500 hp
Giro: 4 motores elétricos de 137 hp
 (MILLON; PEÇANHA; FREITAS, 2018, p.198)

Fonte: Marion em Siderópolis, foto de Adriano Gomes, Portal Siderópolis.

Segundo o próprio senhor Sérgio Giongo em entrevista para a realização deste trabalho: “A Marion cavava a terra e a revirava, depois colocava a terra boa no fundo do buraco e a terra ruim com pirita acima, isso tornava o solo infértil e incapaz de ter uma floresta diversa, a única coisa que nascia ali era o eucalipto, outro problema ambiental.” (Giongo, 2022). Sérgio

Giongo fala dessa forma do eucalipto pois esta é uma planta extremamente danosa ao ecossistema da cidade, a planta tem a capacidade até de secar as nascentes próximas e de espantar alguns tipos de aves e animais que vivem no ambiente ao seu redor.

Durante entrevista com o Senhor Eraldo da Silva e Marli Barreto de Souza da Silva fiz a seguinte pergunta: qual o principal motivo que trazia as pessoas a visitar Siderópolis? A resposta da senhora Marli foi: “O centro do turismo aqui era a Marion, vinham pessoas de tudo quanto é lado, a Marion era uma máquina muito enorme, era única aqui no sul.” Já a resposta do Senhor Eraldo foi mais específica: “Vinham ver a montagem da Marion.” Mas a questão que temos que levar em consideração é a seguinte, quando este incrível maquinário começou a se tornar uma atração? Nestas duas entrevistas houve discordância, para um foi quando ela começou a ser montada e para outra quando ela estava em atividade, o turismo girava em torno dela, era a presença deste “monstro” de aço que movimentava o fluxo turístico da cidade. As visitas incluíam também um tour interno, as pessoas podiam ver como era o interior da cabine de comando e principalmente tirar fotos na caçamba. A entrevistada Marli lembrou também o seguinte: “Eu fiquei surpresa, inclusive eu tive na caçamba dela, a caçamba onde ela tirava o carvão, os dentes dela eram maiores do que eu, só os dentes da Marion.” As notas técnicas do livro “Carvão mineral em Santa Catarina” dizem que o peso de um só dente era 80 kg, somente com isso podemos ter uma rasa noção do sentimento que ambos tinham ao vê-la. A iconografia também fornece ao público leitor uma experiência imersiva. Abaixo vemos as imagens do momento da chegada das peças da Marion no fim dos anos 1950

Fig. 8 – A chegada das peças da Marion, final da década de 50



Fonte: MILLON; PEÇANHA; FREITAS, 2018, p.198

Acima podemos ver o momento em que a Marion chega em Siderópolis de trem, este episódio também ficou marcado na memória dos sideropolitanos, foi neste momento em que o destino da cidade mudaria, para nunca mais voltar o que era. Até a década de 1980, a Marion foi um símbolo de modernidade e progresso para toda a região carbonífera de Santa Catarina, sem dúvidas uma princesa, como demonstra o título, o seu maquinário era uma celebridade, todos queriam ver aquela que mudaria a cidade. Com o surgimento dos ventos da consciência ambiental, parte da população de Siderópolis começou a enxergar não mais a imponência e beleza do poder tecnológico, mas a “mostra” que havia cometido uma das maiores devastações ambientais do Brasil. Ela foi a responsável direta pelos montes de pirita e pela destruição da maior parte da cobertura vegetal nativa da cidade.

A reação ecológica e a percepção do “monstro” tecnológico

Alba Neves Girardi, bióloga, educadora, religiosa e militante da preservação ambiental em Siderópolis. Dona Alba foi uma das principais lideranças na luta pelo meio ambiente no município. Faleceu no dia 31 de janeiro de 2013.¹



A Marion fez seu trabalho, revirava a terra em busca do “ouro negro”, o problema era que ela colocava a pirita acima da terra fértil. Como bem disse a Senhora Sissa Moroso, participante do movimento à época: “O que acontecia? Ela fazia os buracos, a terra boa ficava embaixo e a terra ruim ficava acima, e a gente queria que antes de ir para São Mateus, inclusive com Dom Osório, essa terra voltasse de novo para o buraco, e a terra de cima voltasse para poder ser plantado.” Era isso que a sociedade almejava, ter sua terra fértil de volta, mas enquanto a Marion estivesse aqui era um possível projeto futuro, era impensável que o aparato industrial saísse da cidade sem arrumar o que foi estragado.

Em Siderópolis, a devastação ambiental foi tão impressionante a ponto de alguns lugares de grande impacto ambiental se tornarem pontos turísticos. Uma das paisagens mais impactante do “progresso” do carvão foi popularmente denominada de “paisagem lunar”. O professor e pesquisador Oswaldo Sevá Filho descreve esse tipo paisagem da seguinte forma:

(...) pilhas cônicas de descartes rochosos da escavação a céu aberto (arenito, siltito e outros, tudo com pirita incrustada). (...) é só circular pela região com a luz do dia e ver lagos de cores e consistências nunca vistas alhures: verde claro leitoso, amarelo gema, cor de laranja, azul turquesa transparente, vermelho cobre, cinza chumbo espesso. São marcas registradas da paisagem sul-catarinense, estes reservatórios coloridos envenenados, continuamente abastecidos pela passagem da água de chuva nas pilhas, e pelos rios, que começam em geral, limpos, mas, afinal não deixam de passar pelas áreas estragadas.⁶

Em certos momentos, a paisagem lunar foi tratada como um fenômeno belo e turístico, algo que deveria encantar os turistas e embelezar a cidade. No folheto abaixo podemos ler o seguinte "Paisagem lunar- Fenômeno de rara beleza causado pela extração do carvão mineral a céu aberto⁷."

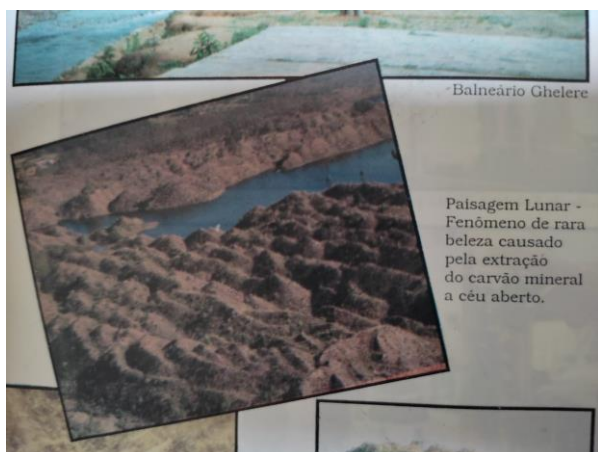


Fig. 9 – Parte de folheto que apresenta as “belezas turísticas” de Siderópolis.

Fonte: SIDERÓPOLIS: Santa Catarina-Brasil. 1. ed. Siderópolis: [s. n.], 93/96. 3 p.

Nota-se a tremenda falta de conscientização do que essa paisagem representa, a paisagem pode até ser descrita como exótica, mas sua beleza não pode ser encontrada. Ter a oportunidade de observar árvores centenárias, animais em seus habitats, nascentes e rios límpidos é belo, mas algo que polui e mata tanto a flora quanto a fauna é pavoroso, deprimente e aterrador. Não podemos concordar em embelezar uma coisa destruidora. Podemos sim afirmar que tal ato pode

⁶ SEVÁ, Oswaldo. op. cit., p. 7

⁷ SIDERÓPOLIS: Santa Catarina- Brasil. 1. ed. Siderópolis: [s. n.], 93/96. 3 p.

ser comparado a um holocausto ambiental, deve receber essa nomenclatura pois esse tipo de mineração a céu aberto foi conduzida mesmo com o conhecimento dos riscos ambientais por ela trazidos.

um local como esse possui um alto risco de contaminação de tudo que o rodeia, sendo fatal a vida humana, animal e biológica.

Na década de 1980, os ventos da consciência ambiental sensibilizaram boa parte da população de Siderópolis. A sociedade sideropolitana tomou consciência dos imensos impactos da atividade carbonífera quando a CSN estava prestes a abandonar Siderópolis e a região Sul de Santa Catarina. Foi neste contexto que surgiu o Movimento Ecológico iniciado em 26 de abril de 1985, com apoio da pastoral da juventude, da ACARESC (antecessora da EPAGRI) e da sociedade em geral. O movimento realizou o “aprisionamento da MARION” com o objetivo de impedir a retirada da escavadeira antes de ela fazer a recuperação ambiental do solo degradado. Em boletim informativo promovido pela prefeitura municipal de Siderópolis em alusão ao centenário da colonização, a Dona Alba Neves Girardi escreveu uma página inteira dedicada a militância ecológica que o movimento promoveu, onde em tom de indignação ela diz: “Falar de ecologia já virou moda, prato cheio para os políticos nos comícios de campanha, mas para Siderópolis, que vive as consequências do desequilíbrio sócio-econômico ocasionado pela degradação ambiental é uma questão de sobrevivência.”

Dona Alba não media esforços para promover o bem-estar socioambiental para todos/as. As esferas públicas e privadas ficavam jogando a culpa uma na outra, ninguém queria reparar os danos ambientais já que ninguém era culpado. Mas um dia a sociedade mostrou seu poder, a Marion ficou presa na área em que estava trabalhando, o povo não deixou que ela se movesse. Foi dessa forma que a reivindicação popular foi ouvida. Outro motivo que levou a este ato é que a draga havia sido vendida e sairia do município. Ora, o cartão postal da cidade sairia daqui sem mais nem menos, que no mínimo arrumasse tudo que havia feito, foi então neste momento que a população aprisionou a escavadeira como forma de protesto. Dona Alba (1991) relata este episódio da seguinte forma:

“As autoridades constituídas deste país pedem-nos projetos de recuperação, eles que tem técnicos empregados só para isso, não sabem o que fazer. Então Siderópolis prendeu a Marion, a grande draga de exploração a céu aberto, hoje pertencente à PETROBRAS. Prendeu ela em Siderópolis para dar um basta ao descaso feito com relação a este município. ” (Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural de Siderópolis, Julho 1991)

A Igreja Católica, por meio da pastoral da ecologia e dos padres, forneceu apoio ao movimento ambiental da comunidade já que a mesma estava experimentando o início da teologia da libertação, uma movimentação das comunidades eclesiais de base. No dia da tomada da Marion, uma missa campal foi promovida pelo Bispo de Tubarão Dom Osório Beber, bem na frente da máquina. Na comunidade do Rio Morosini, este momento reuniu centenas de pessoas para que então refletissem sobre a situação socioambiental de Siderópolis e seu território.

Fig. 10 – A escavadeira Marion aprisionada pela comunidade de Siderópolis



Fonte: (WARMLING *et al*, 2009)

A fé sempre foi uma referência ao povo sideropolitano, sempre esteve bem a sua frente por conta do período da colonização. Neste momento não foi diferente, a fé estava ao lado da população auxiliando em suas questões mais sensíveis.

O carvão inicia sua espiral em direção ao declínio. Vários outros momentos começaram a ruir as bases “modernas e progressistas” da indústria carbonífera. O “ouro negro” começava a perder valor e importância à medida que novas fontes para geração elétrica vinham se diversificando Brasil a fora. Siderópolis começava a ver seu principal produto desaparecer. O movimento, depois de tomar a Marion não perdeu força nem importância, muitas outras atitudes foram tomadas, como cita Juliana Santos (2008, p.64):

[...]realização de manifestação pública durante missa, com apoio do Bispo D. Osório Bebber, de Tubarão; recebimento de telegrama de apoio à luta, pelo Presidente José Sarney; abertura de processo contra o Prefeito de Siderópolis, Dilnei Rossa; organização de passeatas e protestos junto com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Siderópolis e Nova Veneza; incentivo para que criassem lei que determinasse a criação de Área de Proteção Ambiental e impedimento à abertura da Mina Catarinense e da Mina do Trevo.

Nesta época outro problema surgia, a questão do abastecimento de água da região carbonífera. Nenhum local havia condição de manter uma barragem, seja por questão ambiental ou estratégica para a contenção do rio para o represamento do mesmo, mas em Siderópolis nós tínhamos essa condição. A comunidade de São Pedro era perfeita para que o projeto virasse realidade, mas o perigo da exploração do carvão era iminente, a citada comunidade ficava próxima ao Rio Jordão, local com camadas de carvão enxutas que poderiam ser extraídas, mas se isto acontecesse iria poluir os mananciais de forma irreversível. No mesmo boletim em que a Senhora Alba acusou os políticos de falarem e não fazerem nada para resolver o problema ambiental, ela também já prenunciava as condições que Siderópolis tinha de prover o líquido que mantém a vida, a água: “Siderópolis é solução para abastecimento de água para toda a região, e por isto quer a recuperação do Rio Mãe Luzia, Rio Fiorita e Rio Sangão.” (ALBA, 1991).

Quase como uma profecia, Dona Alba disse que poderíamos ter esta barragem, e nós tivemos. No ano de 2001 os trabalhos começaram⁸, sua inauguração ocorreu em 2006, dona Alba pode ver sua proposta tornar-se real. Esta represa hoje provê água de qualidade para Criciúma, Nova Veneza, Maracajá, Forquilha, Içara e Morro da Fumaça, atingindo diretamente mais de 300 mil pessoas.

Quando a ideologia do progresso do carvão perdeu força e surgiram outros tipos de empreendimento econômicos, aumentou a resistência contra a abertura de novas minas e a continuidade da atividade carbonífera. Os protestos e as denúncias eram frequentes, todo o progresso deste riquíssimo mineral estava chegando ao fim, o ideal que movia a Marion tornou-se moribundo, a gigantesca máquina saiu da cidade na calada da noite para nunca mais voltar, e deixou como herança a sua imensa devastação ambiental.

⁸ <https://turismo.sideropolis.sc.gov.br/o-que-fazer/item/barragem-do-rio-sao-bento>

Considerações Finais ou Conclusão

A cidade de Siderópolis teve uma história bem conturbada, que primeiramente foi nomeada de Nova Belluno. Na sua primeira fase, tivemos o episódio da colonização italiana, esse povo chegou aqui abrindo picadas no meio das matas pois a companhia de colonização não havia terminado a infraestrutura necessária que facilitaria a chegada deles aqui. Nem mesmo seus terrenos estavam devidamente divididos para que as casas fossem construídas corretamente em seus devidos lotes.

Siderópolis experimentou a industrialização e o desenvolvimento trazidos pela força da exploração do carvão. A atividade carbonífera se tornou tão importante que a cidade chegou a ganhar o título de princesa do carvão. A maior draga das Américas chegou a trabalhar aqui, a dragline Marion 7800. Até hoje ela é levada por alguns como o símbolo da cidade, estando presente até mesmo no brasão oficial do município, Siderópolis sentiu uma mudança como a da revolução industrial na Inglaterra, o local que antes era pacato e agrícola se tornou capitalista e industrializado. A modificação foi tão forte que o nome da cidade passou de Nova Belluno, algo mais italiano e tradicional para Siderópolis, remetendo ao aço, principal produto explorado pela Companhia Siderúrgica Nacional, a empresa de mais destaque na cidade, responsável pelo alto enriquecimento que o setor público sentia.

O mesmo carvão que promoveu um salto econômico também fez a cidade sentir o fardo da poluição. Como a Marion minerava a céu aberto ela misturava a terra boa com os rejeitos do carvão, como a pirita e enxofre. Além disso, o beneficiamento do carvão também liberava elementos altamente tóxicos e danosos à vida humana e ao meio ambiente. A água sentia também estes efeitos, a chuva ácida se fazia presente aqui, sem falar que dos montes de pirita que queimavam, poluindo o ar e levando cinzas para longe.

E isto nos leva à pergunta problema: Quando e por que a população de Siderópolis protestou contra a poluição da atividade carbonífera? O povo sideropolitano respondeu com um movimento implacável, a pastoral da ecologia, representando a igreja e mobilizando a juventude não deixou barato, o Bispo Dom Osório Beber esteve apoiando os fiéis nesta luta. O aprisionamento da Marion também foi o ápice do movimento ambiental, já que a mesma era a materialização do poder minerador na cidade, uma máquina de dimensões colossais, e que foi

uma das maiores responsáveis pelo estrago ecológico ocorrido, todas essas movimentações se iniciaram após a fundação do movimento em 1985, segundo entrevista da Senhora Alba no boletim informativo que comemorou os 100 anos de colonização da cidade.

De que maneira esse movimento ecológico auxiliou na criação de medidas de reparação ambiental? Hoje em dia na cidade nós possuímos áreas de preservação permanente no bairro Rio Fiorita, o mais afetado pela mineração. Estas áreas são mantidas pela CSN como medidas reparatórias do que foi feito durante a era do carvão. Além do mais, o movimento pedia também a demarcação das terras da reserva biológica do Aguai, fato que também se efetivou, pois agora a área é protegida e preservada. Em Siderópolis também não temos mais a mineração, tanto de subsolo quanto de céu aberto, a cidade agora vive da agricultura, pecuária, indústrias de grande, médio e pequeno porte. Outro grande potencial que a cidade está explorando é o turismo ecológico e rural.

Quais foram as principais lideranças do movimento ambiental de Siderópolis? Bom, podemos identificar lideranças como a Senhora Alba Neves Girardi que adquiriu grande destaque por ser mulher e educadora, também podemos observar que o Senhor Ademir da Motta Silva também foi uma importante liderança, já que foi presidente da câmara de vereadores na época.

Quais foram as impressões que o povo de Siderópolis obteve da mineração? A população sideropolitana pode ter duas impressões da mineração por conta da própria Marion, como dito no título ela foi a princesa e a monstra. Em seu começo essa atividade representou toda a modernidade e avanço que Siderópolis poderia se beneficiar, com a chegada do grande maquinário o “progresso” chegou, e junto com ele a imagem de princesa do carvão. Após os efeitos dos rejeitos dessa atividade serem observados pelas pessoas a imagem claramente mudou, a princesa se tornou uma monstra, a Marion 7800, grande responsável pela abertura das jazidas de carvão sofreu uma metamorfose completa, os militantes a aprisionaram e exigiram a reparação de seus erros.

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus que me deu forças durante a construção deste artigo, à minha família que também sempre esteve ao meu lado e me forneceram todo amparo necessário nas horas em que considerei desistir. Agradeço de forma grandiosa o meu eterno orientador o professor e amigo Carlos Renato Carola que me socorreu nas diversas dúvidas e que esteve sempre prestativo nos momentos de orientação, que meu carinho também chegue

até a professora Lucy Cristina Ostetto, co-orientadora deste TCC e professora de grande valor, saibas que você promove aulas de extrema qualidade acompanhadas de uma paixão por ensinar que pode ser observada em seus olhos. Estendo meu muito obrigado às pessoas que aceitaram serem entrevistadas como o Senhor Sérgio Giongo, a Senhora Sissa Moroso e ao Senhor Ademir Motta da Silva, nobres pessoas que dedicaram suas vidas em suas profissões e que estiveram na ativa quando a área ambiental de Siderópolis estava sendo atacada. Minhas homenagens póstumas a senhora Alba Girardi, eterna educadora, catequista e militante da ecologia em Siderópolis, acredito que estaria orgulhosa ao ver que a cidade está agora valorizando suas riquezas naturais e deixando para trás o assombroso rastro do carvão e da pirita. Elevo grande estima aos meus ancestrais, nobres homens e mulheres que participaram de momentos históricos na cidade de Siderópolis, tanto na colonização, quanto na exploração do carvão e até mesmo como povo originário que sou descendente. Meu muito obrigado a UNESCO, maravilhosa universidade que serviu como uma segunda casa, te levarei sempre em meu coração. A Siderópolis dirijo todo o meu amor, terra que encanta e hipnotiza a todos que ela conhecem, terra de gente amorosa e honesta, lar do trabalho e antiga princesa do carvão, espero que como seu filho possa honrá-la da forma que mereces.

“Proclamemos com muito orgulho,

Esta terra que nos rende a vida,

Honraremos com fé e valor

Siderópolis, terra querida.”

(Baldin, Aldo. **Hino de Siderópolis**. [s.d])

Referências

BALDIN, Aldo. **Hino de Siderópolis**. [s.d]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=q_sV65P09Vk. Acesso em 13/11/2022.

SAVI, Vânio João. **Siderópolis em umas e outras que ouvi, vi ou vivi**. Siderópolis: Ed. do Autor, 2004.

DASSI, Nilso. **Nova Belluno, 1891-Siderópolis, 1943**. 2. ed. Siderópolis: Ed. do Autor, 2011.

SIDERÓPOLIS no ritmo de Brasília. Produção de William Gericke.

Roteiro: Governo Federal. Siderópolis: Produtora Carioca, 1960-1964. (13 min.), P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bS6STnb--PQ>. Acesso em: 12 nov. 2022.

LUIZ, Micheli Ribeiro. **Documentário Memórias de São Pedro: siderópolis -sc. Siderópolis -SC. 2013.**

DAVID, Ronaldo. **Rio Fiorita II: a companhia siderúrgica nacional e histórias de uma comunidade.** Siderópolis: Alvo Design, 2015.

MILLON, Mônica Becker; PEÇANHA, Ricardo M; FREITAS, Jesse Otto. **Carvão mineral em Santa Catarina: uma visão fotográfica.** Florianópolis: 2018. 211 p.

POSSOLI, Thaize. **A importância da educação patrimonial: a CSN como patrimônio histórico em Siderópolis.** 2008.

SANTOS, Juliana Vamerlati. **Um olhar sócio-ambiental da história: a trajetória do movimento ambientalista e seus conflitos com a atividade carbonífera no sul de Santa Catarina (1980-2008).** Florianópolis: Dissertação (Mestrado), Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91970>. Acesso em: 13 nov. 2022.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado.* Trad. Lólio Lorengo de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

WARMLING, Dilma Cesa *et al.* **Siderópolis: uma cidade boa para se viver.** Siderópolis: Soller Indústria Gráfica Ltda, 2011.

<http://aparecidasideropolis.blogspot.com/2013/01/alba-neves-girardi-parte-para-casa-do.html>

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador.* Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SEVÁ, Oswaldo. *Num Paraíso da Água e da Mata, o Inferno da Pedra Fóssil (Piemonte da Serra Geral do Sul Catarinense).* Relatório da 5ª estadia profissional, a convite, na região. Engenharia Mecânica, Unicamp, Campinas, SP Versão 2, 14 outubro 2001.

SIDERÓPOLIS: Santa Catarina- Brasil. 1. ed. Siderópolis: [s. n.], 93/96. 3 p.

MEIO Ambiente: Luta em defesa legítima da vida e do futuro. Boletim Informativo : Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural de Siderópolis, Siderópolis, v. 1, n. 1, ed. 1, p. 18, Julho 91.

PITILLO, João Claudio Platenik. **O Primado da Política Interna de Getúlio Vargas e os Reflexos da Frente Leste no Brasil: 1941 - 1945.** 2021. 234 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/13339/Tese%20-%20Jo%C3%A3o%20Claudio%20Pitillo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 dez. 2022.

MORAES, Fábio Farias de, FILHO, Alcides Goulart. **A companhia Siderúrgica Nacional na formação do complexo carbonífero Catarinense.** In: CAROLA, Carlos Renato (Org.). *Memória e cultura do carvão em Santa Catarina: impactos sociais e ambientais.* Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2011. 219 p.

Fontes Documentais

Relatório de pesquisa mineral do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio-1923. Arquivo do Centro de Documentação da UNESCO- CEDOC/ Unesc. Memória do Carvão.

BRASIL. Decreto-Lei N° 3.002, de 30 de janeiro de 1941. Rio de Janeiro: Câmara dos Deputados, 1941. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3002-30-janeiro-1941-412984-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 18 nov. 2022.

Fontes Digitais/Vídeos

SIDERÓPOLIS. Barragem do Rio São Bento. <https://turismo.sideropolis.sc.gov.br/o-que-fazer/item/barragem-do-rio-sao-bento>. Acesso em: 18 nov. 2022.

Documentário Memórias de São Pedro - Siderópolis -SC. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HnSLihYBGLw>. Acesso em: 15 nov. 2022.

Fonte Oral

Giongo, Sérgio. Memórias do meio ambiente de Siderópolis [Entrevista concedida a] Hugo da Silva Albonico em 4 de novembro de 2022.

Barg, Mario. Memórias de um documentário [Entrevista concedida a] Hugo da Silva Albonico em 15 de novembro de 2022.

Da Silva, Marli Barreto de Souza [Entrevista Concedida a] Hugo da Silva Albonico em 13 de novembro de 2022

Da Silva, Eraldo [entrevista concedida a] Hugo da Silva Albonico em 13 de novembro de 2022

Moroso, Rosilda Mara Rodrigues [entrevista concedida a] Hugo da Silva Albonico em 4 de novembro de 2022

Imagens

Acervo pessoal de Tadeu Antônio Silvano- Sônia Souza Silvano

Marion: <https://images.app.goo.gl/LkCV439Cj2oKJXQG8>

Proibição de línguas estrangeiras: <https://images.app.goo.gl/32skqPrU15rBKDw99>

Imagens da montagem da Marion: MILLON, Mônica Becker; PEÇANHA, Ricardo M; FREITAS, Jesse Otto. **Carvão mineral em Santa Catarina: uma visão fotográfica.** Florianópolis: 2018. 211 p.

Imagem da missa campal na Marion: WARMLING, Dilma Cesa *et al.* **Siderópolis: uma cidade boa para se viver.** Siderópolis: Soller Indústria Gráfica Ltda, 2011. 402 p.

<https://images.app.goo.gl/n6fKZ7nk8Ymy3hDB8>